

## Da gramática à gramaticalização: o ponto onde a Linguística toca a leitura do texto literário

Maria Regina Coelho Costa Moraes<sup>13</sup>  
Sonia Maria Correa Pereira Mugschl<sup>14</sup>

**RESUMO:** O artigo objetiva discutir a produtividade da relação entre Linguística e Literatura como orientação para o ato de ler. Nessa discussão, ressalta que um recurso relevante para ler o texto literário é a descrição linguística das jogadas, o que pressupõe gramática. Aprofundando a cognição sobre o assunto, encontra a gramaticalização como ponto de articulação entre linguística e literatura para o acompanhamento do movimento do jogo literário. Respalhada por esses conceitos, a pesquisa coloca em curso estratégias para a leitura. No universo da leitura, há seleções de fenômenos linguísticos, os quais não podem se dissociar da coprodução de sentido a que todo leitor está submetido. Entre esses fenômenos, podemos destacar a importância das jogadas em um trajeto de sinais que conduzem ao entendimento do texto. Tendo como ponto de partida essa finalidade, enveredamos pelos percursos que nos levam aos elementos responsáveis pela compreensão leitora desde à normatividade da língua até sua maleabilidade nas infinitas possibilidades que se sustentam na gramática e se expandem para além dela, na gramaticalização. Intencionamos considerar a análise do processo de gramaticalização como ato de leitura para produzir a visão flexível da gramática da língua portuguesa, sobretudo para o momento na leitura do texto literário. Problematizamos: poderia, então, ser a gramaticalização uma das relevantes consequências dessa articulação entre linguística e literatura? Entre os autores elencados para esta discussão, estamos levando em consideração Saussure (2012), Possenti (2003), Perini (1976, 2014), Martins (2012), Neves (2002, 2010, 2011), Jouve (2002). Entre os dados, os projetos políticos pedagógicos do Curso de Letras da UFMA de 2009, a partir dos registros encontrados na internet e excertos de textos literários.

**Palavras-chave:** Linguística; Gramaticalização; Leitura; Literatura.

---

<sup>13</sup> É mestranda do PGLETRAS - UFMA. Fez especialização em Semiótica e Análise do Discurso e em Língua Portuguesa e Literatura no Contexto Educacional. É graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Maranhão (1997). Atualmente é professora - Secretária de Estado da Educação. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras, em Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Portuguesa e Espanhol. É membro do Grupo de Estudos GEEPS - Grupo de Pesquisa, Escrita e Produção de Saberes - UFMA e do GELMA - Grupo de Estudo em Literatura Maranhense – UFMA.

<sup>14</sup> Professora Titular da Universidade Federal do Maranhão, onde exerceu a função de Pró-Reitora de Ensino; doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP (2009); pós-doutora pela Uni-Bochum com pesquisa realizada sobre o Português Brasileiro como Língua de Herança (2015); mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão (2003), com Graduação em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (1978). É Professora Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras), coordenadora do Projeto de Pesquisa (Grupo de Estudo e Pesquisa em Língua e Literatura), trabalhando atualmente com o projeto intitulado: "O Português Brasileiro como Língua de herança: analisando as atividades e publicações sobre o Português Brasileiro na Europa". É poeta Membro da Academia Maranhense de Letras - (AML); Membro do Conselho Estadual de Educação - CEE-MA). A experiência na área de Letras tem ênfase em leitura e escrita, atuando, principalmente, nos seguintes temas: ensino, leitura, escrita no ensino superior, interdisciplinaridade, língua portuguesa, língua de herança e educação. Possui várias publicações sobre os temas citados, além de obras poéticas.

**ABSTRACT:** The article aims to discuss the productivity of the relationship between Linguistics and Literature as guideline for the act of reading. In this discussion, it is emphasized that a relevant resource to read the literary text is the linguistic description of the moves, which presupposes grammar. Deepening cognition on the subject, finds grammaticalization as a point of articulation between linguistics and literature for the monitoring of the literary game movement. Supported by these concepts, the research puts strategies for reading in progress. In the reading universe, there are selections of linguistic phenomena which cannot be dissociated from the co-production of meaning to which every reader is subjected. Among these phenomena, we can highlight the importance of plays in a path of signals that lead to the understanding of the text. Having as a starting point this purpose, we follow the paths that lead us to the elements responsible for reading comprehension from the normativity of language to its malleability in the infinite possibilities that sustain in grammar and expand beyond it, in grammaticalization. We intend to consider the analysis of the grammaticalization process as an act of reading to produce the flexible vision of Portuguese grammar, especially for the moment in reading the literary text. We problematize: could then be grammaticalization one of the relevant consequences of this articulation between linguistics and literature? Among the authors listed for this discussion, we are taking into consideration Saussure (2012), Possenti (2002), Perini (1976, 2014), Martins (2012), Neves (2002, 2007), Jouve (2002). Among the data, the political pedagogical projects of the Course of Letters of UFMA 2009, from two records found in internet and fragments of literary texts.

**Keywords:** Linguistics; Grammatization; Reading; Literature.

## INTRODUÇÃO

Este artigo levanta questões recorrentes de nossa pesquisa do PGLETRAS sobre o ato de ler, que têm sido geradas à medida que buscamos capturar o objeto de nosso interesse investigativo. Querendo saber a interferência da gramática nesse processo, deparamo-nos com o conceito de gramaticalização. Esse fato, estamos associando-o a uma descoberta que gerou a seguinte hipótese: ao articularmos Linguística com Literatura, articulamos gramática com leitura por meio do conceito de gramaticalização. A investigação, ainda em andamento, encontra, na descrição da microestrutura textual, um caminho relevante para a coprodução dos sentidos, contanto que seja pela gramática posta em movimento nas situações comunicativas reais.

Passamos pela “Morfofossintaxe no processo de leitura” e pela “Importância da gramática no processo de leitura”, chegando, até aqui, com a definição do seguinte título: “Gramática ou gramaticalização: uma investigação sobre o ato de ler.” Estamos revendo

a provável necessidade de pensar a “língua como jogo” (Saussure, 2012) e a leitura como rastreamento de jogadas, entendendo o ato de ler como o movimento das infinitas possibilidades que estão muito longe da fixidez do rigor normativo sem, entretanto, desconsiderá-lo, até mesmo quando se trata de abrir o olhar na direção do que é linguisticamente descritivo.

O ato de ler será sempre uma hipótese de novas possibilidades. Ao nos perguntarmos de onde as depreendemos, sabemos que todo processo de desconstrução faz parte do processo de leitura, como se o texto se apresentasse como tela a partir de cujas imagens e construções linguísticas, principalmente as que nos pareçam estranhas, fluímos. Mas as imagens são construídas materialmente. Para a construção, temos gramática; para discutir a flexibilidade dos possíveis no jogo da língua, trazemos a Linguística e na transposição das possibilidades para o texto, capturando o que de hipóteses vira fatos linguísticos, temos um processo de gramaticalização.

Tudo isso resulta de uma espécie de força interna para a preservação do sistema que não se deixa corromper pela força social, existencial, geográfica, regional, nem nos aprisiona na luta com o limite das palavras que são insuficientes, mas continuam armas poderosas de comunicação, de produção de sentidos, de identidade, de estilo e de singularidade. Algo tão abstrato a partir de uma tal concretude que, muitas vezes, seguimos o voo transdisciplinar da linguagem e nos largamos do que realmente provoca o inusitado linguístico. Os componentes curriculares dos projetos políticos e pedagógicos do Curso de Letras da UFMA compõem, por exemplo, um *corpus* tentador para discutir as consequências da relação entre linguística e literatura na formação de leitores.

Para isso, estamos produzindo este artigo que compreende uma das questões cruciais, mesmo que parciais, para nossa pesquisa. Estamos analisando a possibilidade de considerar o processo de gramaticalização como ato de leitura para produzir a visão flexível da gramática da língua portuguesa, especialmente na leitura do texto literário. Poderia, então, ser a gramaticalização uma das relevantes consequências dessa articulação entre linguística e literatura, para que se encontre o movimento das gramáticas, nos conteúdos curriculares dos cursos de Letras.

Entre os autores elencados para esta discussão, estamos levando em consideração Saussure (2012), Possenti (2002), Perini (1976, 2014), Martins (2012), Neves (2002, 2010, 2011), Jouve (2002). Entre os dados, excertos de textos literários.

## Gramática e Gramaticalização: Considerações Sobre o Ato de Ler

Ao fazermos levantamentos acerca da diferença ou ainda das relações entre gramática e gramaticalização, percebemos que, nesses conceitos, há uma perspectiva de explicar a língua ou de prescrever determinado comportamento verbal ou de descrevê-lo.

Com relação à gramática, nota-se, desde sua gênese, que “coloca a linguagem sob a condição de objeto teórico” (Neves, 2002, p. 18) para o estabelecimento de uma comunicação pautada no uso dos recursos linguísticos, que comunicam e se organizam sob um processo de racionalidade, de que dispõe o usuário da língua, visto que este possui “a capacidade de organização linguística de toda a massa de significado”. (Neves, 2002, p. 18). E, nessa concepção, a gramática oferece ao usuário as descrições linguísticas através das quais se obtém o conhecimento padrão da língua que se segue ou mesmo é exigido conforme os contextos de seu uso. De acordo com Neves (2002, p. 19):

Se formos à gênese da questão, veremos que, na história do pensamento grego, a gramática, como busca do mecanismo interno à língua, como busca do sistema de regras responsável pelo cálculo das condições de produção de sentido, precedeu a gramática como descrição, com vistas à prescrição de determinados usos da língua. Naquela ponta pensaram os filósofos, nesta outra, deram lições os propriamente chamados gramáticos.

Partindo-se dessa consideração, asseveramos que a gramática tem a sua identificação a partir de sua finalidade, que é organizar as regras e colocá-las à disposição do falante para que coloque a língua em funcionamento, seja por meio da fala ou da escrita, pois a gramática leva, segundo Neves (2002), o homem a falar de sua própria fala, já que nesse estudo estão as determinações dos dizeres da língua.

Nesse aspecto, entendemos que a gramática estabelece as normas para a expressão da fala, incumbindo-se da produção de sentido indispensável no ato comunicativo. Embora a gramática vise, por meio dos gramáticos, a *disciplinar o uso linguístico*, não podemos ignorar que ela está sempre presente quando fazemos uso da língua em todas as situações de comunicação.

Estamos tentando nos desviar do conceito de gramática vastamente discutido na Academia, geralmente associado ao preconceito linguístico e à prescrição da norma

culta. Não é por esse viés que pretendemos seguir, mas por aquele que entende a gramática como explicação que o linguista faz de explicitar “o mecanismo da língua” Perini (1976, p. 20) sem rejeição de uma construção em detrimento de outras. Para Perini (1976, p. 27), “a gramática de uma língua pode ser entendida como uma teoria de funcionamento dessa língua.” Levando em consideração o que diz esse teórico, ao se ler o texto literário, desconstruímos não a competência do escritor, mas seu desempenho, “aquilo que efetivamente realizamos quando falamos” (ou quando ouvimos ou lemos).

E é com essa perspectiva e com o pensamento voltado para a intenção de sabermos como ela interfere no ato de ler, considerando a *sistematicidade da atividade linguística* (NEVES, 2002, p. 89), que também não podemos ignorar o que nos apresenta Possenti (1996) sobre os tipos de gramática, os quais vão incluindo também outros perfis de falantes. É que, de acordo com Possenti (1996), não se pode determinar apenas um tipo de gramática e se desconsiderar quem a usa, pois, ainda que para ele gramática seja “um conjunto de regras”, deve-se fazer uma reflexão sobre essa afirmação e se considerar “as gramáticas funcionais”. Dessa forma, Possenti (1996 p.64-66) afirma que há três tipos de gramática: a normativa com suas regras que “devem ser seguidas” e que “são relativamente explícitas e relativamente coerentes”; a descritiva com seu “conjunto de regras que são seguidas” com “a finalidade de explicar e descrever a língua tal como ela é falada”; a internalizada que consiste “no conjunto de regras que o falante domina”, ou seja, “refere-se à hipótese sobre os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou sequências de palavras de forma compreensível”.

Com relação ao que aborda Possenti (2003) sobre gramática, entendemos, especialmente, sobre a descritiva a partir da qual o teórico antecipa a gramaticalização, um estudo de relevo que coloca em evidência a importante função da gramática, considerada por Perini (2014, p. 50) “uma parte da linguística”.

No tocante à Gramaticalização, podemos perceber a retomada dos estudos funcionalistas da gramática (Neves, 2002, p. 175) que, em desenvolvimento, coloca em evidência um processo de olhar sensível à realidade dos falantes, relacionando gramática a um grau de informalidade. A gramática, em funcionamento (Neves, 2002, p. 175), é configurada para além da normatividade e da fixidez das expressões linguísticas, apresentando uma reconfiguração desse uso em que há uma fluidez, um dinamismo no uso da língua.

Dessa forma, sobre gramaticalização, temos as palavras de Neves (2002, p. 176):

Numa visão bem ampla, a gramaticalização é um processo pancrônico que consiste na acomodação de uma rede que tem áreas relativamente rígidas e áreas menos rígidas. Às peças exemplares, isto é, de propriedades características, vêm acrescentar-se novas peças convencionalizadas como ‘exemplares’ (gramaticalizadas), assentando terreno para mais inovações.

Neves (2002, p. 176) apresenta entre as características que configuram a gramaticalização: “o caráter não-discreto das categorias; a fluidez semântica, com a valorização do contexto”, considerações que marcam o quanto se avançou de uma discussão sobre gramática que já se esgotou nas universidades. Passamos do “não podemos falar de gramática em tempos de Linguística” para “é prejuízo não saber gramática(s) para a descrição linguística”.

Nessa perspectiva, entendemos que a gramaticalização é uma ponte necessária para que sejam dados novos passos em relação à orientação do ato de ler, pela possibilidade de se explorar os **fenômenos** linguísticos contextualizados e ainda de se compreender por que, no tocante às jogadas linguísticas, as possibilidades são infinitas.

Essa orientação consideraria a leitura como uma atividade de exercício cognitivo. Um ato que aciona os vários elementos disponíveis na língua em uso para que seja efetivado. Partindo desse pressuposto, entendemos a leitura como um processo comunicativo em que entram em ação os componentes linguísticos de que dispõe o leitor, relacionados com a percepção de mundo. É que estão imbricadas, nesse processo de leitura, as realidades intratextuais e extratextuais, em que se mobilizam os eventos dinamizadores da concretização do ato de ler, porque os elementos extratextuais dão seus sinais no dizer.

Nesse sentido, na ação leitora, envolvem-se os recursos essenciais para sua concretização, pois, de acordo com Jouve (2002, p. 17), a leitura é, antes de mais nada, “um ato concreto, observável, que recorre a faculdades definidas do ser humano. Assim, a leitura só se concretiza (Jouve, 2002, p. 17) por meio do “funcionamento do aparelho visual e de diferentes funções do cérebro”. Nesse entendimento, para Jouve (2002, p. 18), ler é, “anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos”. Compreendemos, dessa forma, que a leitura

se revela como atividade de “antecipação, estruturação e interpretação”. Jouve (2002, p. 18). E isso pressupõe um exercício cognitivo sobre a materialidade do texto lido, o que justifica o fato de o conhecimento linguístico ser um dos fatores da textualidade (KOCH, 2000). Cumpre afirmar que ‘um desdobramento e um escapar-se de si próprio para que haja uma abertura de experiência’ (Jouve, 2002, p. 108) perpassa pela contemplação e pela participação, que se sustentam nos modos de dizer.

Dessa forma, para que a leitura se plenifique através da recepção do leitor, precisa haver, segundo Jouve (2002, p. 113), “uma dialética permanente entre antecipação e retroação”. E essas implicações tornam a leitura um “acontecimento vivido”, mas que exige a antecipação de conhecimentos linguísticos, no nível da gramática e da gramaticalização.

### **Gramática e Gramaticalização: Sobre a Necessidade de Processar as Jogadas do Texto Literário por um Caminho Gramatical Flexível**

Chartier (2001, p. 13) nos explica o conceito de figuração sob diferentes variações. Para cada espaço, há um tipo de figuração particular. Esse teórico chama nossa atenção para as diferenças de atitude que há entre “os jogadores de um carteadado, a sociedade de um café, uma classe escolar, uma aldeia, uma cidade, uma nação”. Em cada espaço, essas especificidades vão ligando os atores por “dependências recíprocas e cuja reprodução supõe um equilíbrio móvel de tensões”. Nesse sentido, a interação é uma espécie de figuração que vai manifestar as especificidades dos modos de falar, de se expressar. Para cada um, aplicam-se processos gramaticais diferenciados.

E esses processos diferenciados exigem não só uma, mas outras gramáticas: a gerativa, a normativa, a descritiva, a gramática do Português Brasileiro, cuja variedade passamos a entender pelo viés da Linguística, levando em consideração as dicotomias saussurianas, a metáfora do jogo para língua, no Curso de Linguística Geral (2012), com que podemos ousar lincar muitas teorias que foram surgindo e que têm ali seu fundamento, mesmo que alguns questionem.

Levamos em consideração os padrões sociolinguísticos (Labov, 2008); os princípios da Linguística aplicada (Moita Lopes, 2006, p. 149-168); a análise do discurso e sua sinalização material no dizer dos sujeitos figurantes por escolhas próprias da figuração e levando em consideração os princípios da Linguística Cognitiva que é a lógica

com que podemos desconstruir as jogadas, inclusive os lances gramaticais postos em movimento pela gramaticalização.

Quem disse que o linguista da cognição pode prescindir da análise da gramaticalização que é uma forma de pensar metaforicamente? E como não pensar que a gramática da língua é o fundamento da desconstrução dos fatos gramaticais em movimento? E como não se dar conta de que a complexidade (Morin, 2011) é uma cosmovisão transdisciplinar com sinais que acendem aqui e ali, de dentro para fora do texto e de fora para dentro do dizer em um processo de leitura que liga gramática ao sentido do texto, gramática ao discurso, gramática à cognição, gramática à leitura e tudo isso no processo de ler, rastreando o jogo da gramaticalização? E esse jogo, ele não se sobressai em todos os espaços discursivizados, principalmente na literatura em que o texto encontra o respaldo da arte de gramaticalizar? Ele não desafia o sistema que vira barro a escorrer da pena ou do teclado do computador que vira piano a tocar enunciados musicais e sonoros? Como não movimentar a gramática pela literatura, se o linguista já nos falou de jogo? Como a literatura poderia ser arte se não fosse pelo jogo? E, ao falar de jogo, como não pensar na gramática da língua e na estilística do autor posto a fazer suas escolhas da liberdade ao sabor do falante?

Pensamos que o lugar do falante ideal é o de um figurante no ensaio ou no treino; a hipótese do jogo que ainda vai acontecer, no qual o que vale é a língua com sua gramática das classificações, das formas, das funções e hipóteses de sentido, ou seja, do formalismo; enquanto o lugar do enunciador acontece no espaço do jogador, no exercício da partida, no jogo, ou seja, o enunciado, que diz respeito a texto, partida, jogadas, gramáticas, concorrência entre classificações, funções e sentidos das palavras e seus efeitos, ou seja, o do funcionalismo da gramaticalização. No primeiro caso, estamos no domínio da Linguística pura, teórica, sistemática; no eixo duro da gramática da língua. No segundo, estamos no domínio da Linguística Aplicada, no eixo das acomodações sociolinguísticas, socioestilísticas, discursivas, cognitivas. Não propriamente da gramática, mas da gramaticalização.

Por essa complexidade, cuja compreensão é linguística, ler não é rastrear o cumprimento de regras gramaticais, perseguir o correto, ir atrás do significado de uma palavra desconhecida. Mas ler é rastrear as jogadas linguísticas, aplicar as gramáticas, reconhecer que há um português brasileiro; viver os efeitos de sentido; saber que só por

aí se vislumbra um discurso. Seguir “o caráter não-discreto das categorias”, “a fluidez semântica”, a interferência do contexto. Ler não é transcrever, nem traduzir. É transliterar. (Allouch, 1995). Ir ao discurso (Pêcheux, 1997) que dá seus sinais nas astúcias das escolhas feitas e analisadas no processo de gramaticalização, o ato de ler. Essas escolhas, muitas vezes, não se explicam gramaticalmente, mas se entendem linguisticamente, discursivamente, por meio da cognição que a tudo articula para recompor a lógica do entendimento social de uma prática.

No âmbito da gramática, há orientações bem precisas que marcam todo o panorama fraseológico e enunciativo. Se esse cenário é hipotético, torna-se possível fazer previsões. Mas, diante dos fatos linguísticos concretos, porque ancorados na fluência semântica e estilística que tem suas determinações até mesmo inconscientes, mesmo que socialmente recebidas, (Lacan, 1998), a gramaticalização pode colocar o leitor em algo que poderíamos chamar de desafio confortável dos possíveis, mesmo que o ponha diante das manobras linguísticas que escapam do escritor face ao indizível e ao imponderável.

Para exemplo, transcrevemos, a seguir, um trecho do romance *O outro caminho* onde a culpa do Padre Eyder dá seus sinais na estrutura.

Às oito abri um livro. Passei mais de uma hora com ele aberto em cima da mesa, sem conseguir ler duas linhas. Viúva não deixava. Sorria, e era só. Fechei o livro. Atirei-me na cama. Rolei 20 vezes de um lado para outro. O relógio da sala-de-jantar bateu 10 horas e eu continuava rolando. Viúva não me soltava. Recitava três jaculatórias. Nada. Os olhos de Viúva sorriam das jaculatórias. Ó Maria concebida sem pecado. Os olhos de viúva... Ó Maria concebida sem pecado. A boca de Viúva... Ó Maria concebida sem pecado. O pescoço de Viúva. Minha Nossa Senhora, o pescoço de Viúva. Doce coração de Maria. O pescoço de Viúva estava no retrato como é na realidade. Doce coração de Maria. Bem feito, longo, esbelto. É assim o pescoço de Viúva. Longo, bem feito, esbelto. Doce coração de Maria. Continuava revirando na cama com Viúva e o Coração de Maria. Lembrei-me da disciplina e parti para ela como um leão. (...) (Mohana, 1974, p.101-102).

No excerto acima, as frases são suspensas para a entrada das estruturas da ladainha que o padre não consegue rezar, porque o desejo é mais forte do que a santidade a que se propôs no celibato e atravessa a oração, sim, mas quebra sua materialidade linguística. É um caso em que, pela gramática ou pela linguística, encontraríamos fragmentação e incoerência, justamente o que alimenta o sentido do discurso de um padre seduzido e por isso culpado.

Na gramática, por exemplo, encontramos o pronome indefinido “nada”. Em hipótese, um pronome substantivo. Na transposição desse pronome sob o que Neves considera “o caráter não-discreto das categorias; a fluidez semântica, com a valorização do contexto”, o nada está em uma posição que resulta em uma categoria alterada. Um sentido alterado. De tal forma que a gramática em si, como tradicionalmente a consideramos, não explica. Eis um caso de gramaticalização. “Viúva não me soltava. Recitava três jaculatórias. Nada.” Não existe indefinição. Pelo contrário. O nada é ênfase à negação que está em “viúva não me soltava”. Nada, ou seja, não se soltava de jeito nenhum. O ritmo que ocasiona essa frase fragmentária é tão cortante quanto o desespero do padre em se ver livre da tentação.

Observamos também que as frases são suspensas para a entrada das estruturas da ladainha que o padre não consegue rezar, porque o desejo é mais forte do que a santidade a que se propôs no celibato e atravessa a oração, sim, mas quebra sua materialidade linguística. “Doce coração de Maria. **O pescoço de Viúva estava no retrato como é na realidade.** Doce coração de Maria. **Bem feito, longo, esbelto**”. O predicativo “Bem feito, longo, esbelto.” passa a ser uma frase fragmentária. Há um corte na estrutura para expressar quão cortante é a culpa. É um caso em que, pela gramática ou pela linguística, encontraríamos fragmentação e incoerência, justamente o que alimenta o sentido do discurso de um padre seduzido e por isso culpado.

No mesmo excerto o verbo bater tem seu sentido alterado. Dizer que alguém bateu na mesa e que o relógio bateu 10 horas e que o coração bateu forte precisa ser analisado no movimento da gramaticalização para que o sentido seja apreendido da forma mais próxima possível do que está sendo dito.

Continuando a análise, rolar na cama pode ser explicado por virar-se na cama, mudar de posição. Mas não é. É necessário desconstruir a metáfora que a gramaticalização acumula ao sentido do verbo rolar, na fluidez da semântica gerada pela angústia que impulsiona o movimento de desespero do Padre Eyder, sem conseguir dormir. O que estamos chamando de análise de um processo de gramaticalização é ato de ler com atenção a alguns sinais que a estrutura dá para que se chegue à “transliteração”, um nível para além da “transcrição” e da “tradução”.

### Considerações Finais

Nestas considerações finais, as consequências da relação entre Linguística e Literatura toca o ato de ler em sua materialidade. O fato de a gramaticalização ser o ponto de convergência entre ambas para tocar o ato de ler torna o momento crucial não só para a escrita deste artigo, mas para a captura do objeto da pesquisa que estamos realizando, junto ao PGLETRAS, sobre leitura e o tratamento dado ao ato de ler nos livros didáticos.

Chamamos a atenção para a relevância desta discussão para os cursos de Letras, porque temos tido a oportunidade de analisar alguns conteúdos curriculares de projetos políticos pedagógicos e não temos encontrado, em geral, nenhum tópico de gramaticalização, nas disciplinas sobre leitura, nem conteúdos de Literatura nas disciplina de Linguística, nem referência a Linguística, gramática e gramaticalização nos conteúdos de Literatura, de forma que essa articulação parece não estar acontecendo de forma evidente nos documentos oficiais orientadores.

Discutir sobre um assunto tão produtivo e tão necessário para que a humanidade esteja preparada para ler melhor e escrever melhor ainda, dá-nos a profunda justificativa de participar dos setenta anos do curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão e o desejo de que ele permaneça para que a existência humana seja capaz de produzir valores e de aprender, pela linguagem, sobre a grandeza da vida que é experiência de leitura.

## REFERÊNCIAS

ALLOUCH, Jean. **Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar**. Tradução de Dulce Dque Estda. Rio de Janeiro: Campo Manttêmico, 1995.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

JOUBE, Vincent. **A leitura** [tradução Brigitte Hervor]. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2000.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LACAN, Jacques. O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

MOHANA, João. O outro caminho. Rio de Janeiro: Editora Ágil, 1974.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre, Sulina, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**: Editora UNESP, São Paulo, 2002.

NEVES, Maria Helena de Moura. Que gramática estudar na escola? 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. A gramática: história, teoria e análise, ensino. São Paulo: Contexto, 2010.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Orlandi et al. Campinas: UNICAMP, 1997.

PERINI, Mário Alberto. **A Gramática gerativa**: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa. Belo Horizonte: Vigília, 1976.

PERINI, Mário Alberto. Defino minha obra gramatical como a tentativa de encontrar resposta às perguntas: por que ensinar gramática? Que gramática ensinar? In: NEVES, Maria Helena de Moura; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. **Gramáticas Contemporâneas do Português**: com a Palavra, os Autores Edvaldo Bechara... São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado de letras, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.